



Múltiplo Leminski

Múltiplo Leminski

Data: 30/11/2013

Veículo: DM.com.br

Editoria: Notícias

Valor: R\$ 120,00

Audiência: Não divulgada

Posicionamento: Positivo

Enviado em 30/11/2013 às 22h02

Múltiplo Leminski

DM DIÁRIO DA MANHÃ
LUZ DE AGUIRO

Compartilhar 176 mil 0

Alice é uma mulher bonita. Paulo era um homem bonito. Suas filhas são belíssimas. Mas beleza física, digo sempre, é apenas um visual – digamos, um cartão de visitas. Depois dele, vem o currículo de vida (e é preciso considerar que ambos, o cartão e o currículo, são elaborados pelo próprio, e isso se torna um tanto suspeito) e, por fim, a apreciação alheia, o "concurso público"...

Sobre o casal Alice e Paulo – ela Ruiz, ele Leminski – um referencial fortíssimo, para mim, é ligeiramente discreto: os nomes das filhas, Áurea e Estrela – ouro e luz. Coisa de poetas. Isso de nominar os filhos com significados definitivos, marcantes.

Na doutrina espírita, contam que nosso nome é escolhido pelo espírito que vai se encarnar. Sendo assim, creio que o espírito que se prepara para a nova vida aconselha os pais, e estes atendem ou não – daí, e considerando os pais teimosos, sou levado a pensar que a escolha se fez por um "espírito de porco" – perdoem-me os doces bacininhos – ou produtos da teimosia de pais inescrupulosos.

Mas voltemos à família Leminski. Recordo-me que foi Tagore Bran (1958-98) quem me despertou para os textos do poeta bigodudo, lá pelos idos de 70 a 80. Concordei, de imediato: Tagore, como eu, era apreciador especial de Manuel Bandeira (ganhei dele um exemplar de Estrelas da Vida Interior; o poeta de Do Amor e da Ausência rabisçou sobre seu nome-autógrafo, danificando-o; mas hoje, tantos anos após sua morte, tenho aquela rasura como um modo carinhoso, também).

Em 1991, num voo conturbado de Goiânia a Porto Alegre, com conexão em São Paulo, conheci Alice e Estrela. Como nós (Brasigóis, Coelho Vaz, Malu, José Mendonça, Gilberto...), dirigim-se a Nova Prata para o II Congresso Brasileiro de Poesia, evento que perdura sob a inspiração e a direção de Ademir Bacca. Ainda no avião, ganhei uma amiga: e menina Estrela, de 10 aninhos. A mãe, obviamente, veio no kit.

Vivemos três dias intensos de poesia e poetas, com os inevitáveis fatos que festejam minha memória. Ao reencontrar Estrela e conhecer Áurea, na última terça-feira, revivi alguns instantes daquele encontro (Alice eu revi duas outras vezes, sempre nos congressos de poesia que Bacca promove). E as reencontrei, feliz, na abertura da grande mostra que acontece até março próximo no CCOH (Centro Cultural Oscar Niemeyer).

Ao rever Estrela na festa de abertura, estalou-me na lembrança uma amostra do talento e da competência, da pequena de dez anos. Na viagem de ônibus de Porto Alegre a Nova Prata, um poeta, naturalmente querendo agradar Alice (autoridade em haicai), compôs meio às pressas um poema no gênero do modelito japonês, num texto "quebrado", rmando viagem e paisagem. Meio discreta, e não querendo magoar, Alice acolheu bem o haicai. Estrela, não: saltou da poltrona, pôs as mãos na cintura e reclamou: "Ah, é, mãe?! Não está bom, não! Quando o poema é meu você fala que está ruim, mas o dele você diz que gosta?".

E foi o próprio poeta pé-quebrado quem reduziu o mal-estar, aceitando a crítica da pequena poetisa.

Voltarei já, já ao CCOH para apreciar detidamente a exposição. Quem gosta de poesia, quem faz poesia, quem lê poesia ou quem apenas sabe que poesia é indispensável até no momento de comprar sapatos, que vá lá! Vai ser encantador revisar Leminski (ou descobrir Leminski).

(Luiz de Aquino, escritor, membro da Academia Goiana de Letras)

Alice é uma mulher bonita. Paulo era um homem bonito. Suas filhas são belíssimas. Mas beleza física